

3.

Lila apareceu em minha vida no primeiro ano do fundamental e me impressionou logo, porque era muito levada. Éramos todas meio levadas naquela turma, mas apenas quando a professora não podia nos ver. No entanto ela era levada sempre, pior que os meninos. Uma vez reduziu a pedacinhos o mata-borrão, meteu os fragmentos um por um no buraco do tinteiro e então começou a pescá-los com a caneta e a atirá-los na gente. Fui tingida duas vezes nos cabelos e uma no colete branco. A professora gritou como só ela sabia fazer, com uma voz de agulha, longa e pontiaguda, que nos aterrorizava, e a mandou direto para o castigo, atrás da lousa. Lila não obedeceu nem se mostrou assustada, ao contrário, continuou atirando a esmo pedacinhos de papel molhados de tinta. Então a professora Oliviero, uma senhora corpulenta, que nos parecia muito velha, embora devesse ter pouco mais de quarenta, desceu da cátedra a ameaçá-la, tropeçou não se sabe bem onde, não conseguiu se equilibrar e foi bater com a cara na quina de um banco. Ficou estirada no pavimento, parecendo morta.

O que aconteceu em seguida eu não lembro, recordo apenas o corpo imóvel da professora, uma trouxa escura, e Lila a observá-la com o rosto sério.

Lembro-me de muitos incidentes desse tipo. Vivíamos em um mundo em que crianças e adultos frequentemente se feriam, o sangue escorria das chagas, que depois supuravam e às vezes se acabava morrendo. Uma das filhas de dona Assunta, a verdureira, se ferira num prego e morrera de tétano. O filho menor de dona Spagnuolo morrera de crupe na garganta. Um primo meu de vinte anos saiu de manhã para remover uns escombros e à tarde morreu esmagado, com sangue saindo pelas orelhas e pela boca. O pai de minha mãe morreu porque estava construindo um prédio e caiu lá de cima. O pai de seu Peluso não tinha um braço, foi um torno

que o arrancou de surpresa. A irmã de Giuseppina, mulher de seu Peluso, morreu de tuberculose aos vinte e dois anos. O filho mais velho de dom Achille – eu nunca o vira, mas tinha a impressão de me lembrar dele – foi para a guerra e morreu duas vezes: a primeira, afogado no oceano Pacífico; a segunda, devorado pelos tubarões. Toda a família Melchiorre morrera abraçada, gritando de medo, sob um bombardeio. A solteirona Clorinda morreu respirando gás em vez de ar. Giannino, que estava na quarta série quando nós estávamos na primeira, tinha morrido porque um dia achou uma bomba e tocou nela. Luigina, com quem brincávamos no pátio – ou talvez não, era só um nome – morreu de tifo exantemático. Nosso mundo era assim, cheio de palavras que matavam: crupe, tétano, tifo exantemático, gás, guerra, torno, escombros, trabalho, bombardeio, bomba, tuberculose, supuração. Atribuo os medos inumeráveis que me acompanharam por toda a vida a esses vocábulos e àqueles anos.

Também se podia morrer de coisas que pareciam normais. Podia-se morrer, por exemplo, se você suasse e depois bebesse água fria da torneira sem antes ter molhado os pulsos: o que acontecia era que você era coberto de pintinhas vermelhas, começava a tossir e então parava de respirar. Você podia morrer se comesse cerejas pretas sem cuspir o caroço. Podia morrer se mascasse chiclete americano e o engolissem por distração. Podia morrer principalmente se levasse uma pancada na têmpora. A têmpora era um ponto fragilíssimo, estávamos todas muito atentas a ela. Bastava uma pedrada, e as pedradas eram a norma. Na saída da escola um bando de meninos do campo, liderado por um que se chamava Enzo ou Enzucio, um dos filhos de Assunta, a verdureira, começou a nos atirar pedras. Sentiam-se ofendidos pelo fato de que éramos melhores do que eles. Quando as pedras choviam, todas escapávamos, mas Lila não, continuava caminhando com o passo regular e às vezes até parava. Ela era muito boa em decifrar a trajetória das pedras e desviar-se delas com um movimento calmo, hoje eu diria elegante.

Tinha um irmão mais velho e talvez tenha aprendido com ele, não sei; eu também tinha irmãos, mas mais novos que eu, e deles não aprendi nada. Porém, quando percebia que ela havia ficado para trás, mesmo sentindo muito medo, eu parava para esperá-la.

Na época já havia algo que me impedia de abandoná-la. Não a conhecia bem, nunca tínhamos trocado uma palavra, mesmo competindo continuamente entre nós, na classe e fora dela. Mas eu sentia confusamente que, se tivesse fugido com as outras meninas, lhe teria deixado algo de meu que ela nunca mais me devolveria.

No início eu ficava escondida atrás de uma esquina, espichando-me para ver se Lila chegava. Depois, vendo que ela não se movia, me forçava a alcançá-la, passava-lhe umas pedras, atirava-as eu também. Mas o fazia sem convicção, fiz muitas coisas em minha vida, mas jamais convicta, sempre me senti um tanto descolada de minhas próprias ações. Ao contrário, Lila desde pequena tinha – agora não saberia dizer se já aos seis ou sete anos, ou quando subimos juntas as escadas para a casa de dom Achille, dos oito para os nove – a marca da decisão absoluta. Quer empunhasse a haste tricolor da caneta, uma pedra ou o corrimão de escadas escuras, ela passava a ideia de que, não importa o que acontecesse – cravar com um arremesso preciso a ponta da caneta na madeira do banco, disparar bolinhas molhadas de tinta, atingir os meninos do campo, subir até a porta de dom Achille –, ela o faria sem hesitar.

O bando vinha da plataforma da ferrovia, catando pedras entre os trilhos. Enzo, o líder, era um menino muito perigoso, uns três anos mais velho que nós, repetente, de cabelos louros curtíssimos e olhos claros. Atirava com precisão pequenas pedras de arestas cortantes, e Lila aguardava seus arremessos para mostrar-lhe como se desviava deles, irritando-o ainda mais e respondendo de pronto com arremessos igualmente perigosos. Certa vez o acertamos no tornozelo direito, e digo acertamos porque fui eu que passei a Lila uma pedra chata, de borda toda lascada. A pedra raspou sobre a

pele de Enzo feito uma lâmina, deixando uma mancha vermelha da qual logo correu sangue. O menino olhou a perna ferida, posso vê-lo diante de meus olhos: entre o polegar e o indicador, tinha um pedra pronta para atirar, o braço já erguido para o arremesso, e no entanto se deteve, espantado. Os outros meninos sob seu comando olharam o sangue, sem acreditar. Já Lila não demonstrou a mínima satisfação pelo bom êxito do tiro e se abaixou para recolher outra pedra. Eu a tomei pelo braço, foi nosso primeiro contato, um contato brusco e assustado. Senti que o bando se tornaria ainda mais feroz, queria que fugíssemos. Mas não houve tempo. Apesar do tornozelo ferido, Enzo se refez do espanto e lançou a pedra que tinha na mão. Eu ainda estava segurando Lila quando a pedrada a atingiu na testa, arrancando-a de mim. Um instante depois estava estendida no passeio, com a cabeça quebrada.

4.

Sangue. Em geral, escorria das feridas só depois de uma troca de maldições terríveis e obscenidades lamentáveis. Seguia-se sempre essa sequência. Meu pai, que até me parecia um bom homem, lançava continuamente insultos e impropérios se alguém, como ele dizia, não era digno de estar na face da terra. Implicava sobretudo com dom Achille. Tinha sempre algo a criticar, e às vezes eu tapava os ouvidos para não ficar muito impressionada com seus palavrões. Quando falava a seu respeito com minha mãe, o chamava de “seu primo”, mas ela logo negava o laço de sangue (havia um parentesco muito distante), enquanto ele redobrava a dose de insultos. Eu me assustava com esses rompantes e tinha um medo especial de que dom Achille pudesse ter ouvidos aguçados o bastante para perceber os insultos a tão grande distância. Temia que viesse trucidá-los.